

Relações entre o verbal e o visual no infográfico

Relations between the verbal and visual in the infographics

SILVIA REGINA NUNES*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UEMG)

RESUMO

Neste trabalho, nós analisamos o funcionamento do verbal e do visual no espaço do discurso jornalístico. Nós observamos que a materialidade significante visual do infográfico instaura falhas no ritual ideológico da escrita jornalística, pois há um imaginário que, com a imagem, a informação se tornaria mais fiel, real. Neste imaginário, nós percebemos uma falha da língua, que necessita da imagem para administrar sentidos e manter o mundo semanticamente normal.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso jornalístico. Ideologia. Língua. Infográfico.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the functioning of verbal and visual in the space of journalistic discourse. We observe that the materiality significant of the

*Sobre a autora ver página 163.

visual infographic introduces flaws in the ideological ritual of journalistic writing, because there is an imaginary that with the image the information becomes true, real. In this imagery, we realized the failure of language that requires the image to manage and maintain the world semantically normal.

KEYWORDS: *journalistic discourse. Ideology. Language. Infographic.*

1 Introdução

Temos como objetivo observar a formulação do infográfico impresso pela relação entre suas formas materiais significantes, neste caso, a escrita (verbal) e a imagem (visual).

As condições de produção do infográfico são determinadas pelo discurso jornalístico, ou seja, afetadas pelo imaginário de objetividade e neutralidade. Este imaginário, pela formulação verbal, coloca em funcionamento uma concepção de língua transparente, completa, que instauraria sempre um único sentido. A posição sujeito jornalista, desta forma, é uma posição extremamente afetada por esta injunção à objetividade, neutralidade e transparência da língua, trabalhando para fortalecer esse imaginário de racionalidade e idoneidade do discurso jornalístico.

De acordo com Mariani (2006),

o discurso jornalístico constrói-se, dessa forma, com base em um pretense domínio da referencialidade, pois baseia-se em uma concepção de linguagem que considera a língua como instrumento de comunicação de informações. Decorrem daí vários efeitos constitutivos dos sentidos veiculados como informações jornalísticas: objetividade, neutralidade, imparcialidade e veracidade (p. 34).

De uma posição materialista, ao contrário do que faz circular o discurso jornalístico, assumimos, juntamente com Gadet e Pêcheux (2004, p. 35), que o sujeito se constitui num movimento entre o real da

língua, que é o impossível, a incompletude, e o real da história, que se constitui na contradição. Desta forma, nem o real da língua nem o da história são diretamente apreensíveis, nem transparentemente inteligíveis, como deseja a posição sujeito jornalista. Diante dessas considerações, gostaríamos de levantar uma questão: como a materialidade visual do infográfico significa no/em relação ao discurso da escrita jornalística?

2 Da falha no logicamente estabilizado

Selecionamos o infográfico *O ciclo do etanol*, que compõe a reportagem *70 questões para entender o etanol*, publicado na revista *Veja* (2008). É importante esclarecer que o infográfico analisado compõe esta reportagem de 11 páginas que contém, ainda, outras materialidades significantes (várias fotografias e outro infográfico).

A noção de texto como unidade de análise nos serve para explicitar a organização da reportagem e a do infográfico. Segundo Orlandi (2005), texto, na análise de discurso, “se constitui como delimitação imaginária, instaurando na incompletude do discurso um contorno material imaginariamente finito”, isto é, uma unidade de análise do discurso que, enquanto tal, é uma superfície linguística fechada em si mesma (tem começo, meio e fim). Segundo a autora “é na noção de texto que se explicita o estatuto técnico (e tecnológico) da produção da linguagem. Ou seja, a linguagem como instrumento – a dimensão pragmática da linguagem, suas tecnologias, arregimentando a própria imagem que se faz dela (...)” (p. 15).

Desta forma, é importante observar como o texto *70 questões para entender o etanol* é organizado colocando em funcionamento este contorno material finito. Há uma introdução ao assunto e, em seguida, 70 questões (efeito retórico/pedagógico) com suas respectivas respostas, que objetivam o entendimento do que é, para que serve, como se produz o etanol, entre outras informações. Observamos efeitos de sentido que apontam para a necessidade de constante inovação tecnológica, como também a de investimento para o desenvolvimento de pesquisas sobre o etanol

brasileiro. Esta formulação constrói um espaço logicamente estabilizado, pondo em evidência as pesquisas e, conseqüentemente, a produção do etanol, que funcionaria como uma saída estratégica para diminuir os danos ao meio ambiente, causados por combustíveis fósseis, para o controle da crise mundial dos combustíveis, por sua possível escassez. Dessa forma, o discurso jornalístico, pela recorrência à evidência da proteção ao meio ambiente, coloca em destaque os benefícios do etanol e um imaginário de facilidade de/na sua produção no Brasil.

A reportagem *70 questões para entender o etanol* configura estes espaços lógicos pondo em funcionamento uma língua inequívoca, que instaura um mundo “semanticamente normal [...] constituídos pelas técnicas materiais, instrumentais, pela lógica disjuntiva, pelo uso regulado de proposições lógicas” (PÊCHEUX, 2006). No próprio título da reportagem isso se evidencia, porque as *70 questões para entender o etanol* são formuladas constituindo um efeito-leitor¹ que compreenda o processo de produção, com os benefícios e os problemas acerca do etanol, como é sua fabricação nos diversos países, seu rendimento, seu alcance, a economia que provoca melhorias ao meio ambiente, entre outros assuntos. Uma escrita que funcionaria para transmitir informações, para categorizar o mundo.

O infográfico que selecionamos funciona como uma versão² (ORLANDI, 2005) desta formulação escrita, uma versão visual, diríamos, que atualiza a imaginária estabilidade lógica do discurso da escrita. Através da sustentação da existência da relação direta entre imagem e linguagem (entre palavras e coisas), como também pela imbricação de percentagens, gráficos, tabelas etc. na materialidade visual, o discurso jornalístico, pelo infográfico, participa da divisão social do trabalho da leitura, da qual Pêcheux (1994, p. 58) nos fala e assim ocupa “a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, pelos gestos anônimos do tratamento ‘literal’ dos documentos, as ditas ‘interpretações’”...

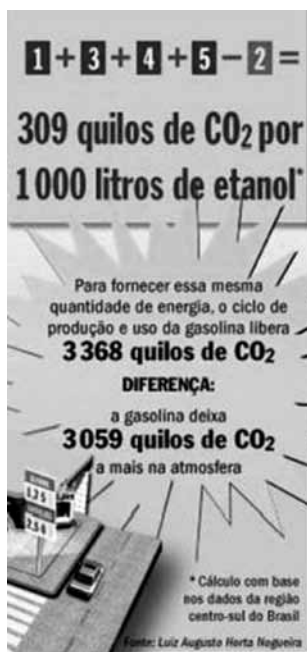
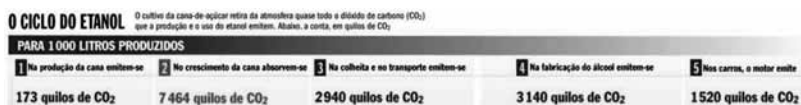
¹ Orlandi (2005, p. 61-62) tem trabalhado na caracterização de uma forma histórica do leitor na atualidade. Segundo ela, há hoje em dia “um leitor atual brasileiro que se enquadra no que chamamos perfil ‘empresarial’ (um leitor de quantidade, de resumos, com fins estritamente pragmáticos etc., que não ‘saboreia’ a leitura)”.

² Conforme Orlandi (2005, p. 13), “direção, espaço significante, recorte do processo discursivo, gesto de interpretação, identificação e reconhecimento do sujeito e do sentido.”

Para Mariani (2006):

Leitores e jornalistas encontram-se, dessa maneira, enquadrados nos domínios de pensamento de sua época, ficando imersos em uma agenda (organizada pelos ‘donos’ do jornal) previamente constituída por interpretações legitimadas, ou já tomadas como socialmente consensuais, ou que virão a se tornar consenso por força, exatamente, dos efeitos produzidos pela própria imprensa. É possível afirmar, então, que há uma ritualização ideológica presente no discurso jornalístico, entendendo ritualização aqui como uma forma de manutenção e repetição de determinados sentidos (p. 34).

Vejamos os seguintes recortes:





Figuras 1-3: O ciclo do etanol (cf. Veja, n. 2052, 19 de março de 2008)

Algo falha, porém, nesta formulação do discurso jornalístico, e a materialidade visual dá visibilidade a esta falha. A ideologia é um ritual com falhas!

Desconfiamos destas evidências, porque a língua se constitui como incompletude, é sujeita ao equívoco, à contradição. Assim, a materialidade significativa visual instaura falhas no ritual ideológico do discurso jornalístico, ou seja, evidencia a falha deste sistema linguístico que funciona como transparente e literal e que consegue dizer (significar) (de) tudo e para todos, como verdade. Nesta direção, a posição sujeito jornalista atualiza este funcionamento, conforme o seguinte enunciado:

Como *O Dia* é um jornal popular, com ênfase nas classes B, C e D, trabalhamos muito com infográficos, pois sua linguagem mais didática facilita a compreensão das matérias. Usamos,

por exemplo, muitos infos na editoria de Economia, para que todos possam ter acesso a informações que nem sempre são fáceis de assimilar. (HIPPERTT, 2005, p. 1).

Observamos este movimento de legibilidade em relação às imagens que representam o trabalho do trator na preparação do solo para o plantio e a colheita da cana-de-açúcar. A formulação escrita, desta maneira, acaba precisando da especificidade de um recorte visual (um desenho, fotografia) da realidade para se fazer compreender da maneira como o discurso jornalístico pretende. No título do infográfico *O ciclo do etanol*, percebemos este movimento de sentidos. O enunciado *ciclo do etanol* atualiza sentidos numa ancoragem no real, uma vez que a palavra *ciclo*, em ressonância com o discurso da história do Brasil, nos põe em relação com os *ciclos da borracha*, do *pau-brasil*, da própria *cana-de-açúcar*, entre outros. Este movimento atualiza sentidos de hegemonia, prosperidade e grandeza, pois historicamente há um discurso que põe em funcionamento que tais *ciclos* foram fundamentais para o progresso do país, e, portanto, formular o *ciclo do etanol* instaura sentidos que apontam nesta mesma direção. No entanto, sabemos que este discurso da história de nosso país silencia contradições deste real, tais como as disputas políticas pela obtenção do poder e os desmandos de todas as espécies na relação patrão/empregado.

Em relação à imagem que representa o trabalho do trator na preparação do solo para o plantio, a memória discursiva põe em funcionamento um determinado recorte desta realidade (simulando este real), retomando o processo específico de preparação e colheita, porém outros efeitos de sentido deslocariam a legibilidade desta série, como o silenciamento da presença do trabalhador rural neste processo, visto que outra memória discursiva trabalha nesta ausência, a de que a tecnologia já está tão avançada que o trabalhador rural está obsoleto, não é mais necessário. A formulação da materialidade visual põe em circulação sentidos de avanços tecnológicos insuperáveis, no entanto a ausência do trabalhador rural (que é silenciada por/nesta memória de avanço tecnológico) atualiza uma memória de confrontos a respeito da relação mão-de-obra humana x tecnologizada.

A imagem faz oscilar a ordem da escrita, pois, neste espaço logicamente estabilizado, a falha que se instaura pelo visual rompe com a *grade de leitura* proposta (PÊCHEUX, 2006) para o verbal. A imagem *perturba* a evidência da língua unitária, e a estabilidade de um espaço logicamente estabilizado *perturba* a pretensa homogeneidade jornalística.

Esse funcionamento se configura num efeito de saturação pela relação palavra/coisa, pois o infográfico, constituindo uma versão do verbal, põe em circulação imagens de coisas (que recortam o mundo, num movimento empírico – ver para crer) que ratificam e reforçam este verbal. A materialidade visual trabalha nesta *dupla diferença* (GADET; HAK, 1997), instaurando inequivocidade pela imagem e instaurando o equívoco na língua.

3 Considerações finais

Observar o discurso jornalístico é pensar sua estrutura-funcionamento, uma estrutura determinada por imperativos que pressupõem o funcionamento de uma língua objetiva e neutra, instaurando um ritual de se significar pela completude e pela lógica, numa estabilização dos sentidos e dos sujeitos.

A relação entre as materialidades significantes que compõem o infográfico nos indica que a língua não é transparente, nem o sentido literal e que a ideologia é um ritual com falhas. A materialidade significativa visual do infográfico instaura falhas no ritual ideológico da escrita jornalística, pois circula na sociedade um imaginário de que, com a imagem, a informação se tornaria mais fiel, real. Neste imaginário, percebemos uma falha da língua, que assim precisaria da imagem para administrar sentidos e manter o *mundo semanticamente normal*. Um efeito de completude, um efeito de real (efeito, porque o real é o impossível).

REFERÊNCIAS

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da lingüística. Campinas: Pontes, 2004.

GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

HIPPERTT, A. Linguagem didática. In: CAIXETA, Rodrigo. **A arte de informar**. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=556>> Acesso em: 23 de maio de 2009.

MARIANI, Bethania. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. **Revista Polifonia**, Cuiabá. v. 12, n. 1, p. 21-45, 2006.

O CICLO do etanol. In: **70 QUESTÕES para entender o etanol**. Veja, São Paulo, n. 2052, 19 mar. 2008. 3 infográficos.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

VEJA. São Paulo: Abril, n. 2052, 19 mar. 2008.

Recebido em outubro de 2010.

Aceito em fevereiro de 2011.

SOBRE A AUTORA

SILVIA REGINA NUNES é professora da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - Campus Universitário de Pontes e Lacerda, e é doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Linguística (Análise de Discurso). Atualmente, é membro dos Grupos de Pesquisa Cartografias da Linguagem (UNEMAT).

E-mail: silviarnunes@hotmail.com